FERNANDA DOLCI FIGUEIREDO

EMPREENDIMENTO DE TURISMO RURAL

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Arquitetura e Urbanismo como requisito parcial à conclusão do Curso de Arquitetura e Urbanismo, Setor de Tecnologia, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª. Drª Eneida Kuchpil

CURITIBA

2012

FOLHA DE APROVAÇÃO

Orientador(a):

_____

Examinador(a):

_____

Examinador(a):

_____

Monografia defendida e aprovada em: Curitiba, _____ de_____ de 2011.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos meus pais Gilda e Ricardo, por todo o amor, e por sempre acreditarem em mim.
Agradeço à Amanda, pela paciência e cumplicidade.
Agradeço à minha tia Rosana, pelas lindas fotografias fornecidas.
Ao meu noivo Marton, pelo apoio e incentivo.
Aos meus queridos amigos, por sempre estarem por perto quando precisei.

“Um homem precisa viajar. Por sua conta, não por meio de histórias, imagens, livros ou TV. Precisa viajar por si, com seus olhos e pés, para entender o que é seu. Para um dia plantar as suas próprias árvores e dar-lhes valor. Conhecer o frio para desfrutar o calor. E o oposto. Sentir a distância e o desabrigo para estar bem sob o próprio teto. Um homem precisa viajar para lugares que não conhece para quebrar essa arrogância que nos faz ver o mundo como o imaginamos, e não simplesmente como é ou pode ser. Que nos faz professores e doutores do que não vimos, quando deveríamos ser alunos, e simplesmente ir ver”.

Amyr Klink

RESUMO

Esta pesquisa é a primeira de duas etapas do trabalho de conclusão de curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Paraná.

O tema tratado é um empreendimento de turismo rural e esta primeira fase terá como finalidade dar base teórica e nortear o projeto que será desenvolvido na segunda etapa do trabalho.

O contexto em que o projeto será inserido é a cidade de Campo Mourão, Centro-Oeste do Estado do Paraná. Campo Mourão é uma grande potência agrícola, sede da maior agrocooperativa do Brasil e terceira do mundo, a COAMO.

A cidade tem como cultura a produção em grande escala de grãos; o turismo rural, por sua vez, vem sendo apontado como ferramenta de desenvolvimento sustentável. O objetivo nessa etapa de fundamentação teórica é apresentar os benefícios - à população rural, ao patrimônio cultural e ao meio ambiente - gerados pela implantação da atividade de turismo rural e portanto, suas vantagens sobre a produção agrícola em massa. Essa proposta entretanto, não tem como ambição substituir uma atividade pela outra, apenas apontar uma nova alternativa sustentável que pode ser conciliada à primeira e deve ser incentivada.

Palavras-chave: Turismo rural. Meio ambiente. Patrimônio. Paisagem.

SUMÁRIO

1) INTRODUÇÃO 7

2) CONCEITO DE TURISMO RURAL 8

3) HISTÓRIA DO TURISMO RURAL 10

4) INÍCIO DO TURISMO RURAL NO BRASIL 13

5) PANORAMA DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO 15

6) O TURISMO E O DESENVOLVIMENTO LOCAL 17

7) TURISMO RURAL E PATRIMÔNIO CULTURAL 18

7.1. PATRIMÔNIO CULTURAL NO ÂMBITO DO TURISMO RURAL NO BRASIL 19

7.2. O VALE DO CAFÉ 20

7.3. FAZENDA FLORENÇA 21

8) ESTUDOS DE CASO 23

8.1. FASANO LAS PIEDRAS, PUNTA DEL ESTE, URUGUAI 23

8.2. HOTEL REMOTA, PUERTO NATALES, PATAGÔNIA, CHILE 34

8.3. ENDEMICO RESGUARDO SILVESTRE, VALLE DE GUADALUPE, ENSENADA, MÉXICO 40

8.4. POUSADA BORGHETTO SANT'ANNA, VALE DOS VINHEDOS – RS, BRASIL 46

9) O TERRENO 51

10) PLANEJAMENTO DO TURISMO NO MEIO RURAL 65

11) DIRETRIZES DE PROJETO 66

12) PROGRAMA DE NECESSIDADES 68

13) CONSIDERAÇÕES FINAIS 69

14) REFERÊNCIAS 70

1) INTRODUÇÃO

Pode-se entender o turismo como um fenômeno social que consiste no envolvimento dos indivíduos ou grupos de pessoas que, fundamentalmente, por motivos de recreação, descanso, cultura ou saúde, saem do seu local de residência habitual para outro destino; e por conta desta ação, geram múltiplas inter-relações de importância social, econômica e cultural. (ALMEIDA; RIEDL, 2000, p.7).

Segundo o Ministério do Turismo (2010), o turismo é na atualidade uma das atividades econômicas mais promissoras do mundo e vem se firmando cada vez mais como grande gerador de divisas e empregos, contribuindo efetivamente para o desenvolvimento de várias localidades no mundo todo, como importante fator econômico e social, além de disseminador cultural e de conservação do meio ambiente.

Apesar do turismo ser apontado como uma ferramenta para o desenvolvimento sustentável, para que isto ocorra é necessário que a atividade seja baseada em uma gestão responsável, buscando o equilíbrio entre os aspectos ambientais, econômicos e socioculturais. Deste modo, o planejamento da atividade turística deve ter como base essencial a proteção das paisagens, da biodiversidade, assim como do patrimônio histórico-cultural e natural, para que não haja impactos negativos no ambiente natural e nas populações locais.

2) CONCEITO DE TURISMO RURAL

Segundo conceito elaborado em 1998 pelo Instituto Brasileiro de Turismo/ Embratur e o Ministério da Agricultura, turismo rural pode ser entendido como o conjunto de atividades turísticas praticadas no campo, comprometidas com a produção agropecuária, agregando valor a produtos e serviços, no sentido de resgatar e de promover o patrimônio cultural e natural da comunidade.

Como esclarece Forte (1999, p. 79), procurou-se nesse conceito focalizar o âmbito da ação da atividade turística rural, delimitando o território no qual ela deva acontecer e relacionando-a obrigatoriamente a alguma forma de produção rural. Por exemplo, restaurantes com gastronomia rural em área urbana não são empreendimentos de turismo rural. Da mesma forma, hotéis-fazenda dissociados da lida do campo não correspondem ao segmento do turismo rural, enquadrando-se na categoria de resorts ou hotéis de lazer.

> O turismo rural se refere ao caráter multifunctional do espaço rural contemporâneo onde a agricultura, atividade predominante, divide o espaço com outras funções de ordem econômica e social. Observa-se também que o turismo rural se institucionaliza na medida em que as regiões descobrem o potencial econômico desta atividade. (ALMEIDA, 1999, p. 91)

De acordo com Campanhola e Silva (1999), há uma diferença conceitual entre hotéis fazenda e fazendas hotéis. Hotéis fazenda são hotéis nos moldes tradicionais, apenas instalados no meio rural, com atividades de lazer restritas a seu entorno. Fazendas hotéis são hotéis instalados em propriedades agrícolas produtivas; constitui-se atividade do agroturismo.

Segundo Silva (1999), entre as modalidades de turismo rural mais salientes no meio rural brasileiro pode-se mencionar:

- Agroturismo: atividades internas à propriedade, que geram ocupações complementares às atividades agrícolas. Exemplos: fazenda hotel, pesque-pague, fazenda de caça, pousada, restaurante típico, vendas

diretas do produtor, artesanato, industrialização caseira e outras atividades de lazer ligadas à vida cotidiana dos moradores do campo;

- Ecoturismo: atividade realizada em áreas naturais que se encontram preservadas, com o objetivo específico de estudar, admirar e desfrutar a flora e a fauna, assim como qualquer manifestação cultural (passada ou presente) que ocorra nessas áreas

Como exemplo de ecoturismo, podemos citar Bonito, no Mato Grosso do Sul. As estâncias que recebem os turistas são em sua grande maioria propriedades em atividade agrícola e/ou pecuária, mas exploram suas áreas de preservação ambiental e belezas naturais simultaneamente.

Segundo Bravo (2000), conciliar a produção pastoril com a atividade de turismo no meio rural representa o diferencial básico de autencidade proposto no conceito oficial. Segundo a Embratur, a atividade do turismo rural se consolida em quatro pilares fundamentais. Ela deverá ser sempre:

- economicamente viável;
- ecologicamente correta;
- socialmente justa;
- verdadeiramente rural;

> Enquanto empreendimento, o turismo rural necessita de estruturação e adequação para a recepção dos turistas, sendo um investimento capaz de tornar as propriedades em empresas turísticas, de fato os recursos turísticos rurais devem ser preparados para o turismo de maneira planejada, integrada e consciente do uso dos recursos naturais e culturais diferenciais turísticos, além dos aspectos históricos que fundamentaram a tradição familiar no desenvolvimento de atividades rurais. (ALMEIDA e RIEDL, 2000, p.8).

3) HISTÓRIA DO TURISMO RURAL

De acordo com Binatti (1999), apesar de ser tão antigo quanto à existência do homem, o turismo só tornou-se relevante quando deixou de ser uma atividade somente de elite e passou a ser uma atividade de massa. Desde então, vários especialistas definiram o turismo de acordo com suas áreas de conhecimento.

Na Constituição Federal de 1988, pela primeira vez na história constitucional do Brasil, o turismo é considerado como um setor relevante da atividade socioeconômica, expressamente contemplado no Artigo 180. Segundo estudos realizados pela Organização Mundial de Turismo – OMT e pelo Instituto Brasileiro de Turismo / Embratur, o turismo rural teve suas origens nos Estados Unidos, nas propriedades denominadas “ranchos”.

Essas propriedades situavam-se em lugares distantes, de difícil acesso e não possuíam nenhuma infraestrutura hoteleira. Entretanto, acabavam recebendo caçadores e pescadores que lá chegavam durante a temporada desses esportes. Com o passar do tempo, os proprietários desses ranchos, perceberam que a procura por esse tipo de hospedagem aumentava e procuraram agregar outros tipos de serviços e atividades, como cavalgadas, passeios guiados e outros.

Conforme a OMT e Embratur (1999): “Os Estados Unidos, que foram os pioneiros nessa atividade possuem atualmente cerca de 250 propriedades que oferecem esse tipo de hospedagem.”

Ainda de acordo com os estudos realizados pela OMT e Embratur, a prática do turismo rural rompeu os limites dos Estados Unidos, sendo muito difundida atualmente. Na Austrália e na Nova Zelândia, por exemplo, a hospedagem em propriedades rurais tem apresentado índices de crescimento significativos (figs. 1 a 3).



FIGURA 1 - propriedade que explora o Turismo Rural na Nova Zelândia.
(Fonte: Centre Hill Cottage, 2012).



FIGURAS 2 e 3 - propriedade que explora o Turismo Rural na Nova Zelândia.
(Fonte: Centre Hill Cottage, 2012).

Na Europa, o turismo rural encontra-se em franco desenvolvimento, apresentando características bastante diferenciadas de país para país. Na Itália, as propriedades rurais geralmente estão voltadas para a produção de queijos e/ou vinhos e costumam receber turistas, oferecendo-lhes alojamento e permitindo-lhes a participação nas fases do processo produtivo.

A França é um dos países mais representativos e de grande tradição no que se refere ao desenvolvimento do turismo rural (figs. 4 a 7). O país caracteriza-se pela abundância e diversidade de oferta de alojamento em propriedades rurais. Grande parte das propriedades que exploram o turismo rural são de gestão familiar e seguem os moldes do modelo britânico *bed and breakfast* (cama e café da manhã).




FIGURAS 4 e 5 – Vistas externas da Le Manoir du Plessix Meen, propriedade de turismo rural na Bretanha, França. (Fonte: Location Gite Bretagne)




FIGURAS 6 e 7 – Vistas internas da Le Manoir du Plessix Meen, propriedade de turismo rural na Bretanha, França. (Fonte: Location Gite Bretagne)

No Reino Unido, o turismo rural é praticado nas *farm houses*, propriedades voltadas para a exploração agrícola, que oferecem aos visitantes serviços de alojamento e alimentação. A Escócia é conhecida por possuir inúmeras destilarias que se dedicam à produção de *whisky*. Algumas dessas destilarias apresentam estrutura de hospedagem, onde recebem turistas que queiram conhecer e participar do processo de fabricação dos destilados.

Em Portugal, o turismo rural acontece no ambiente familiar das propriedades. Os visitantes são hospedados em casas cadastradas e licenciadas por um órgão governamental, a Direção Geral do Turismo, estando assim classificados:

- Turismo de habitação é aquele em que a hospedagem ocorre em solares, casas apalaçadas ou residências de reconhecido valor arquitetônico.

- Turismo rural é quando a hospedagem dos visitantes acontece em casas rústicas com características próprias do meio rural em que se inserem.
- Agroturismo é a hospedagem em casa integradas numa exploração agrícola, caracterizando-se pela participação dos turistas em trabalhos da própria exploração.

Na Argentina, o turismo rural iniciou-se na década de 1960, em propriedades denominadas “estâncias”, que apresentavam construções senhoriais, cujo acesso era permitido somente à família do proprietário e amigos. A baixa rentabilidade que essas “estâncias” proporcionavam aos seus proprietários fez com que buscassem uma forma de obter uma renda adicional, usando-as como sítios de alojamento. As primeiras experiências aconteceram na Patagônia, quando alguns guias de caça e pesca precisaram hospedar seus clientes e receberam o aval dos estancieiros. A partir daí, teve início no país o turismo em “hotelaria de estâncias”.

4) INÍCIO DO TURISMO RURAL NO BRASIL

Segundo o site Desvendar (2012), a história do turismo rural no Brasil é bastante recente e está relacionada com as diversas fases do processo de ocupação do território. As paisagens rurais brasileiras, assim como seus aspectos marcantes, constituíram-se através dos chamados “ciclos econômicos” originando um diversificado patrimônio histórico e cultural.

O turismo rural no Brasil inicia-se em 1986, no Município de Lages, Santa Catarina. As fazendas da região constituíram-se, a partir das pousadas, ao longo do caminho trilhado pelos tropeiros, que faziam passagem e parada obrigatória na Região de Lages, a caminho das Feiras de Sorocaba.

Ainda de acordo com a mesma fonte, o primeiro passo da marcha para criação do turismo rural ocorreu em 1984, quando iniciaram-se os primeiros estudos para organização de órgãos voltados para o turismo. Foi projetado e organizado um *Fan-Tur* para empresários ligados a vários segmentos da área

do turismo e hotelaria da região de São Paulo e Rio de Janeiro, através do estudo da procedência da demanda turística.

A primeira fazenda a integrar-se ao projeto foi a Fazenda Pedras Brancas, reconhecida como pioneira no turismo rural no Brasil. A Fazenda Pedras Brancas passou a acolher visitantes para usufruir "um dia no campo". Dentro do esquema de recepção e hospedagem aos convidados, lhes foi oferecido como atrações turísticas as lidas campeiras, cavalgadas, passeio ecológico, manejo de animais, pesca, sapecada do pinhão junto à araucária, roda de chimarrão ao pé de fogo de chão com pinhão cozido e assado na cinza do fogo, muitos causos e prosas.

Hoje a atividade é desenvolvida sobretudo em Santa Catarina e no Rio Grande do Sul, mas multiplica-se rapidamente e estende-se para vários lugares do território nacional.

5) PANORAMA DO TURISMO NO ESPAÇO RURAL BRASILEIRO

No Brasil, o turismo rural apresenta um quadro de oportunidades e de investimento que se tem mostrado bastante rentável e vem chamando a atenção de administradores públicos, que vêem na atividade uma forma de diversificar a economia regional. Além de impactar positivamente a economia local, a atividade de turismo rural pode contribuir de maneira singular para a preservação ambiental. Os empreendimentos têm o dever de preservar a natureza, principalmente os ecossistemas que constituem a paisagem, abrangendo fauna, flora e recursos hídricos, uma vez que a paisagem por si só constitui em um significativo atrativo turístico.

Segundo Campanhola e Silva (1999), nas últimas décadas, o meio rural brasileiro tem passado por profundas transformações, contribuindo para que ele não possa mais ser considerado como essencialmente agrícola. As atividades não-agrícolas cada vez mais se constituem em formas alternativas e/ou complementares de geração de renda no meio rural. Entre elas destacam-se as atividades ligadas ao lazer e ao turismo.

Ao possibilitar a incorporação de outras alternativas econômicas, o turismo rural tem sido uma estratégia adotada por muitos países com vistas a manter o homem no campo através da melhoria de sua qualidade de vida por meio do aumento de sua renda, que passa a ser gerada por uma maior diversidade de atividades e funções. Desta forma, o turismo no meio rural pode se constituir em um dos vetores do desenvolvimento local.

> Todos os Estados tornaram-se coadjuvantes no esforço de buscar alternativas viáveis para a reprodução e manutenção do homem no campo, dado o crescimento acelerado e seguidamente desordenado dos grandes centros urbanos. Nesse sentido, o turismo rural, juntamente com outras atividades não agrícolas desenvolvidas pela família rural, tem-se revelado como uma opção viável e de significativo retorno econômico em curto prazo. (ALMEIDA e RIEDL, 2000, p.9).

O turismo no meio rural passou a considerar o potencial da comunidade local e as diversidades geográfica, cultural e ambiental das áreas rurais,

devendo então se basear na interação e integração entre os seus diferentes atores.

Assim, tem se constituído em uma forma de valorização do território, pois, ao mesmo tempo em que se depende da gestão do espaço local e rural para seu sucesso, contribui para a proteção do meio ambiente e para a conservação do patrimônio natural, histórico e cultural do meio rural.

Segundo Campanhola e Silva (1999), em regiões que exploram o turismo rural, grande parte dos agricultores torna-se pluriativa, como conseqüência da intensificação da atividade turística. Um dos pontos muito importantes a considerar na perspectiva do desenvolvimento local refere-se ao aproveitamento das especialidades de cada localidade ou território e ao pleno aproveitamento de suas potencialidades e oportunidades. Deve-se, assim, explorar o específico – os chamados “nichos” – diferentemente do que é preconizado no turismo massivo, que tende a homogeneizar os produtos e a concentrar-se em determinados locais. O turismo no meio rural deve ser uma atividade essencialmente difusa, diretamente relacionada com aspectos ambientais e com especificidades inerentes a cada local.

6) O TURISMO E O DESENVOLVIMENTO LOCAL

Como apontam Schneider e Fialho (2000), toda atividade possui aspectos positivos e negativos; e isto não é diferente com o turismo. Ele proporciona benefícios, mas também pode causar impactos negativos para a população local.

A atividade turística propicia a valorização do ambiente onde é explorado por sua capacidade de destacar a cultura e a diversidade natural de uma região, proporcionando a conservação e manutenção do patrimônio histórico, cultural e natural. Os autores também afirmam que o turismo pode cooperar para a reorganização social e econômica local, uma vez que oferece benefícios diretos à população local.

> Outra potencialidade inerente é a criação de mercado de consumo local para os produtos de origem agrícola, oferecendo uma alternativa para complementar a renda das famílias rurais. Esse mercado pode ser explorado através de produtos característicos da região e com qualidades diferenciadas em relação aos encontrados no comércio varejista tradicional. Um exemplo já bem sucedido em várias iniciativas é a venda de produtos sem agrotóxicos. (SCHNEIDER e FIALHO, 2000, p. 35-38).

De acordo com Campanhola e Silva (1999) com o turismo no meio rural, a comunidade favorece-se com a melhoria da infraestrutura e serviços públicos, como saneamento básico, hospitais, segurança, transporte, aumento do número de indústrias e estabelecimentos comerciais, desenvolvimento da indústria do lazer, melhoria indireta gerada pela demanda por produtos de qualidade, típicos de cada região.

7) TURISMO RURAL E PATRIMÔNIO CULTURAL

> O entorno cultural é aspecto significativo no desenvolvimento do turismo rural para a fidedignidade e originalidade do entorno que, diretamente influenciam a satisfação "ecológico-rural" plena da motivação turística, considerando também a hospitalidade familiar como valor circunstancial nesta modalidade de turismo, pois o turista não está simplesmente motivado pela paisagem cênica, mas de forma complexa, envolvido com o *modus vivendi* rural. (ALMEIDA e RIEDL, 2000, p.7).

Segundo conceito definido pelo IEPHA-MG (Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais), "cultura" pode ser definida como conjunto de atividades e modos de agir, costumes e instruções de um povo. Cultura é o meio pelo qual o homem se adapta às condições de existência, transformando a realidade. É um processo em permanente evolução, diverso e rico. É o desenvolvimento de um grupo social, uma nação, uma comunidade; fruto do esforço coletivo pelo aprimoramento de valores espirituais e materiais.

Segundo Coelho (1992), pode-se considerar "patrimônio cultural" não só o meio ambiente criado pelo homem, mas os sítios onde se instala; estes necessários para sua vivência social. Portanto, esta abrangente conceituação de patrimônio envolve não só todas as realizações do homem, como também o meio em que vive e seus recursos.

Hugues de Varine-Boham, museólogo francês, dividiu o patrimônio cultural em três grandes categorias de elementos. São elas: os bens naturais, os bens imateriais e os bens materiais. Os bens naturais são os elementos pertencentes à natureza, ao meio ambiente, são os recursos naturais que tornam o sítio habitável (LEMOS, 2006).

> O clima envolve e condiciona o comportamento das gentes. A paisagem orienta e está plena de símbolos, de marcos, de pontos de referência, de encruzilhadas, que dirigem o viajante que passeia pela natureza estando sempre em casa. LEMOS (2006, p. 9).

A segunda categoria, os bem imateriais, são os elementos que se referem ao conhecimento, às técnicas, ao saber e ao saber fazer. Os bens imateriais são portanto os elementos não tangíveis do Patrimônio Cultural.

Segundo Lemos (2006), o grupo dos bens imateriais compreende toda a capacidade de sobrevivência do homem no seu meio ambiente. A terceira categoria do patrimônio cultural são os bens materiais, como sendo a mais importante de todas, pois reúne os chamados “bens culturais” que englobam toda sorte de coisas, objetos, artefatos e construções obtidas a partir do meio ambiente e do saber fazer.

“É incomensurável o número total de bens que compõem o patrimônio cultural de um povo, de uma nação ou de um pequeno município” LEMOS (2006, p. 12).

7.1) PATRIMÔNIO CULTURAL NO ÂMBITO DO TURISMO RURAL NO BRASIL

O espaço rural é muito vasto em sua cultura e tradições, obedecendo às diversas regiões geográficas do país e aos diversos ciclos econômicos pelos quais passaram. Desta maneira, o meio rural e sua comunidade - com seus costumes, tradições e modo de viver - possuem um legado cultural expressivo, a ponto de ser visto como um atrativo turístico.

Ao oferecer para os turistas sua rusticidade, paisagens, oportunidade de contato com a natureza, um ambiente sadio, relações humanas autênticas e todas as tradições e valores próprios da cultura rural, a atividade do turismo rural acaba por incentivar e valorizar a preservação da cultura local.

> O desenvolvimento do turismo no espaço rural faz com que as comunidades resgatem, preservem e valorizem todas as formas culturais locais e regionais como gastronomia, utensílios domésticos, artesanato, móveis, arquitetura e outras, que posteriormente, serão utilizadas como atrativos turísticos para motivar as pessoas a praticar turismo no espaço rural. ARANHA DE LIMA; MATIAS, (1999, p. 105)

7.2) O VALE DO CAFÉ

O interesse pelo setor do turismo vem crescendo no Brasil. Embora não existam estatísticas exatas, o mercado interno está sendo fortalecido e regiões inteiras vêm se transformando em destinações turísticas. Pode-se citar como exemplo a Região do Vale do Café, que é a denominação turística para o conjunto de 15 municípios da região do Vale do Paraíba, localizado na Serra Fluminense. Suas fazendas de café, erguidas no século XIX, guardam a memória de uma importante época da história brasileira.

O Vale do Café é uma região que conheceu o apogeu entre o Período Colonial e o Império, com o cultivo do café. De início, a lavoura cafeeira desenvolveu-se com base na grande propriedade de monocultura e na utilização do trabalho escravo. Entretanto, com a abolição da escravatura, decretada através da Lei Áurea, assinada em 13 de maio de 1888, e com a decadência do ciclo do Café, os fazendeiros caíram em falência e a região, em ruína.

Segundo Sônia de Mattos (2009), superintendente executiva da Preservale, o Vale do Paraíba sofreu muito com a declínio do café, pois a decadência não foi só financeira, mas também psicossocial. As elites que ali residiam abandonaram as fazendas, buscando livrar-se de seu passado escravocrata decandente. Mattos aponta o turismo rural e cultural como sendo a saída econômica e social encontrada para o Vale do Paraíba.

De acordo com o Sebrae (2000), sobre o Vale do Café, para desenvolver uma região como pólo de turismo rural não é necessário um investimento astronômico. O turismo depende de vários pequenos atrativos. Um fator importante é oferecer diversidade de produtos; outra boa prática é que os empresários se unam, desenvolvendo roteiros integrados e realizando uma divulgação conjunta das atividades.

O Vale do Café uniu os atrativos do turismo rural com sua riqueza cultural e histórica. Nos dias atuais, cerca de trinta das fazendas do Vale do Paraíba estão abertas à visitação, transformando a região em um pólo turístico.

Os atrativos oferecidos aos turistas pelas fazendas históricas são: hospedagem, visitação aos museus, rodas de viola, visitas à alambiques, atividades relacionadas à agropecuária, produção de laticínios e frios, artesanato, promoções de eventos como o Festival “Café, Cachaça e Chorinho” e o “Festival do Vale do Café”; entre outros.

7.3) FAZENDA FLORENÇA

Um dos vários casos bem sucedidos de turismo rural no Vale da Paraíba é a Fazenda Florença. A fazenda foi fundada pelo clã dos Teixeira Leite, de origem portuguesa, que vindos de Minas Gerais, migraram para as terras fluminenses do Vale do Paraíba, atraídos pela riqueza do café da região. Estes afazendaram-se, então, em Barra Mansa, Conservatória, Valença e Rio das Flores. A primeira sede da Fazenda Florença foi fundada em um pequeno sobrado, que fora demolido em seguida, construindo-se a atual sede, erguida no século XIX, no ano de 1852 (Fig. 8).



FIGURA 8 – Vista externa Sede Fazenda Florença. (Fonte: Fazendas do Império, 2012)

Na nova sede, destaca-se, no centro da fachada principal, um imponente e requintado alpendre, de influência italiana, que é encimado por um frontão sustentado por colunas de madeira trabalhada, sendo estas apoiadas em

pilares de cantaria e com gradis de ferro entre eles. O acesso ao alpendre é feito através de duas escadas laterais de pedra, protegidas por gradis (Figs. 9 e 10).




FIGURAS 9 e 10 - Vistas externas Fazenda Florença. (Fonte: Fazendas do Império, 2012)

O casarão foi projetado em “U”, com um pequeno patio central. Sua construção foi feita em base de pedra e piso de peroba do campo, sendo esta uma árvore em extinção na região. O alpendre, as pestanas das janelas e os adornos das colunas nos ângulos das paredes externas são detalhes decorativos neoclássicos. As paredes internas foram todas levantadas em adobe. O interior da sede está bem cuidado e decorado com móveis e objetos de época, fruto da adequada restauração empreendida há alguns anos. O casarão é hoje aberto a visitações, sob horário programado (Figs. 11 e 12).




FIGURAS 11 e 12 – Vista interna e externa Fazenda Florença.

(Fonte: Fazendas do Império, 2012)

8) ESTUDOS DE CASO

8.1) FASANO LAS PIEDRAS, PUNTA DEL ESTE, URUGUAI

Ficha técnica:
Arquiteto: Isay Weinfeld
Ano Construção Projeto: 2008-2010
Área do terreno: 43.000,00 m²
Tipo de projeto: Hotéis
Materiais: Concreto e Madeira
Fotógrafos: Fernando Guerra, Sergio Guerra



FIGURAS 13 – Vista spa do Hotel Fasano Las Piedras (Fonte: Archdaily, 2012).

Segundo o site Archdaily (2012), o Hotel Fasano Las Piedras é um empreendimento construído em Punta del Este, Uruguai e projetado pelo arquiteto Isay Weinfeld. Este projeto foi selecionado como um dos estudos de

caso mais pelas soluções formais adotadas pelo arquiteto e pela relação com a paisagem do que pela atividade de turismo rural, propriamente dita. Embora o Hotel Fasano Las Piedras esteja inserido no meio rural, encaixa-se melhor na categoria de *resorts* de luxo do que empreendimento de turismo rural

Ao analisar seu programa, vê-se que o hotel divide-se em duas tipologias de hospedagem: casas particulares e bangalôs (Figs. 14 e 15). A infraestrutura voltada para o lazer inclui spa, centro equestre e campos de polo.



FIGURA 14 – Casas particulares Fasano Las Piedras (Fonte: Las Piedras Fasano, 2012)



FIGURA 15 – Bangalôs Hotel Fasano Las Piedras (Fonte: Archdaily, 2012).



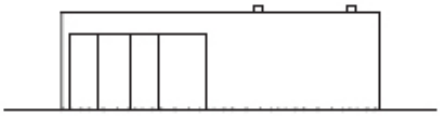
BANGALÔ (120m²) | PLANTA

0 5m



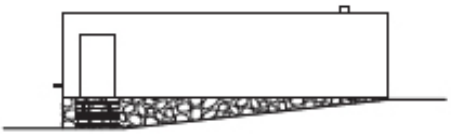
BANGALÔ (80m²) | PLANTA

0 5m



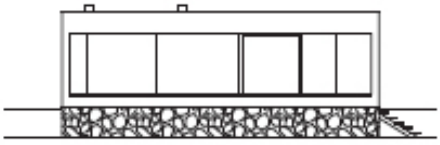
BANGALÔ (120m²) | ELEVAÇÃO LESTE

0 5m



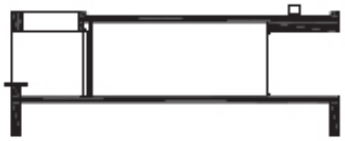
BANGALÔ (80m²) | ELEVAÇÃO SUL

0 5m



BANGALÔ (120m²) | ELEVAÇÃO OESTE

0 5m



BANGALÔ (80m²) | CORTE LONGITUDINAL

0 5m

1. TERRAÇO
2. JARDIM
3. ÁREA TÉCNICA
4. SIALA DE ESTAR
5. DORMITÓRIO
6. GARAGEM
7. DEPÓSITO

FIGURA 16 – Plantas, elevações e corte bangalôs (Fonte: Archdaily, 2012).

Ainda segundo o site Archdaily (2012), projeto se caracteriza por sua implantação pulverizada das unidades que compõem o complexo, concebidas e distribuídas como módulos isolados, “pousados naturalmente” sobre o terreno (Figs. 17 e 18).



FIGURA 17 – Bangalôs (Fonte: Archdaily, 2012).



FIGURA 18 – Implantação (Fonte: Archdaily, 2012).

Pode-se observar a preocupação que o arquiteto teve com o respeito à paisagem natural ao evitar a construção de grandes volumes que interferissem demais no entorno; e também, através da escolha dos materiais rústicos, que se mimetizam na paisagem árida e rochosa (Fig. 19).



FIGURA 19 – Bangalôs (Fonte: Archdaily, 2012).

As construções rústicas e artesanais pré-existentes à construção do hotel foram mantidas. A antiga residência do proprietário foi reciclada e juntamente com um novo anexo, abrigam a recepção e o Restaurante Las Piedras – onde são servidos aos hóspedes o café-da-manhã e o almoço. O restaurante ocupa completamente uma das alas do prédio em forma de U, com mesas no salão e na varanda – esta última aberta para um pequeno patio (Figs. 20 e 21).



FIGURA 20 – Vista interna Restaurante Las Piedras (Fonte: Archdaily, 2012).

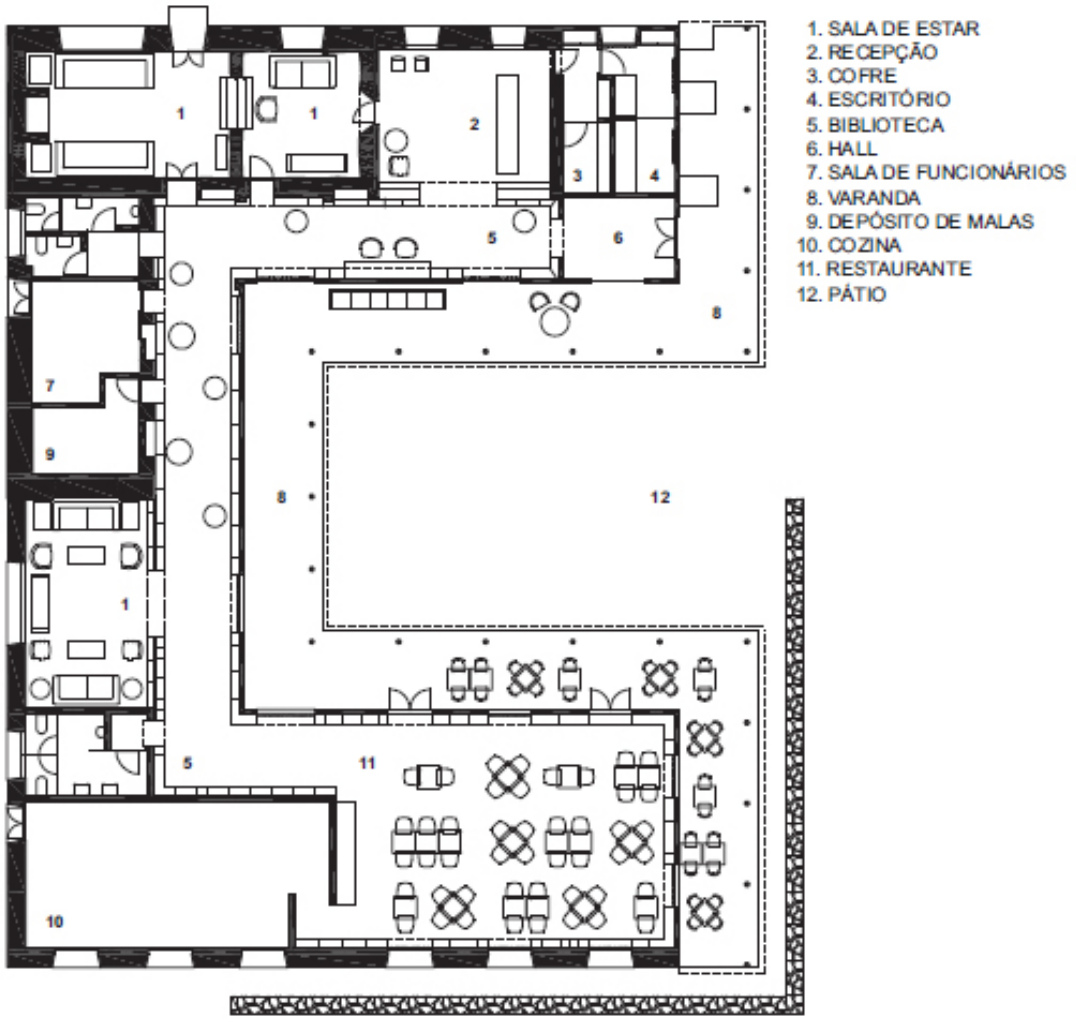


FIGURA 21 – Planta e elevação Restaurante Las Piedras (Fonte: Archdaily, 2012).

Conforme o site Archidaily (2012), o Restaurante Fasano localiza-se no ponto mais alto da propriedade, com vista privilegiada do entorno e também foi reciclagem de um edifício já existente. Em sua área interna, paredes, piso, portas, janelas e forro de madeira foram mantidos; na área externa, um novo *deck* de madeira, rebaixado, foi anexado ao existente. Interligado ao anexo foi construído um volume inteiramente novo, para abrigar a cozinha e as dependências de apoio: de concreto aparente e ligeiramente mais baixo que a construção de pedra (Figs. 22 a 24).



FIGURA 22 – Vista externa Restaurante Fasano (Fonte: Archdaily, 2012).



FIGURA 23 – Vista externa Restaurante Fasano (Fonte: Archdaily, 2012).

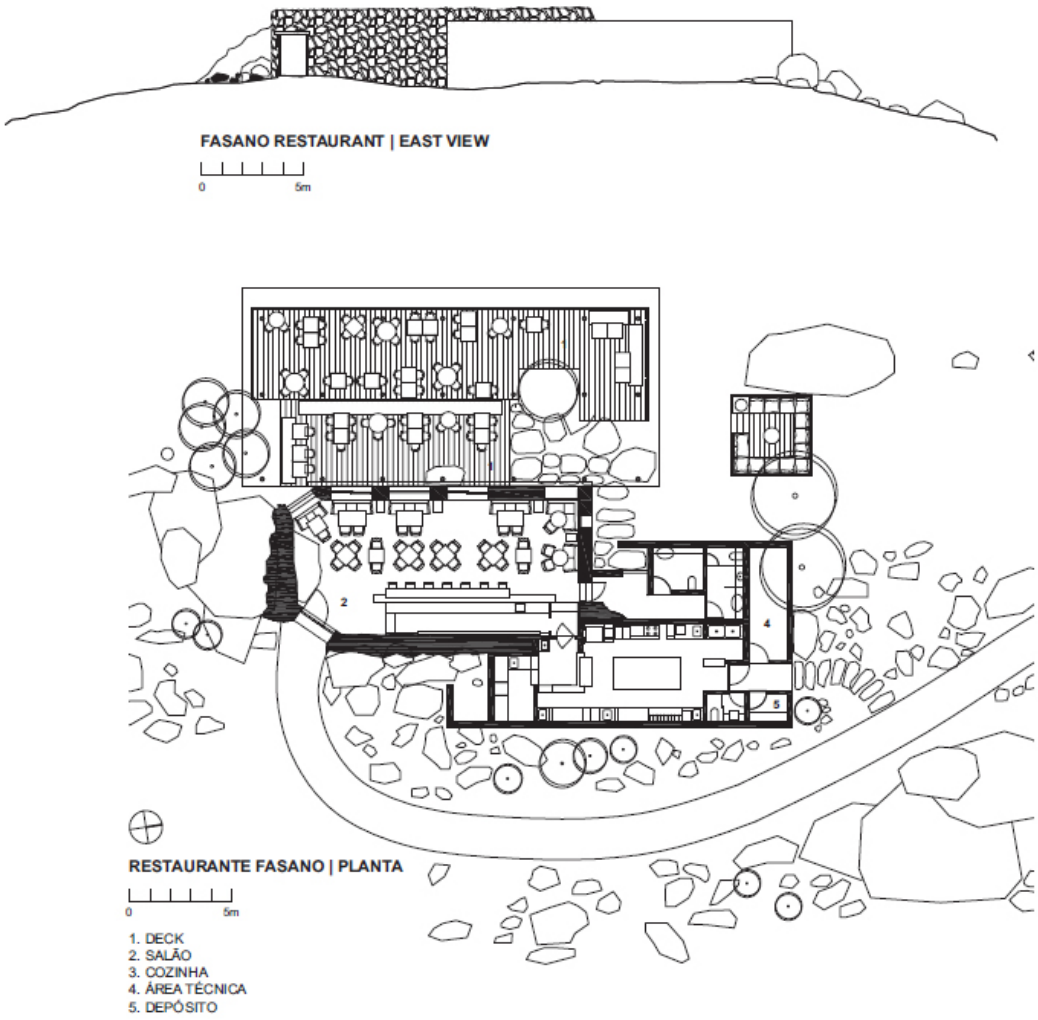


FIGURA 24 – Planta e elevação Restaurante Las Piedras (Fonte: Archdaily, 2012).

A piscina também foi instalada em uma parte elevada do terreno, ao lado dela foi colocado um *container* de aço *corten* para abrigar os vestiários, o bar e o lounge que atende os hóspedes na piscina (Figs. 25 a 27).



FIGURA 25 – Piscina e bangalôs (Fonte: Fasano Las Piedras, 2012).



FIGURA 26 – Piscina (Fonte: Archdaily, 2012).

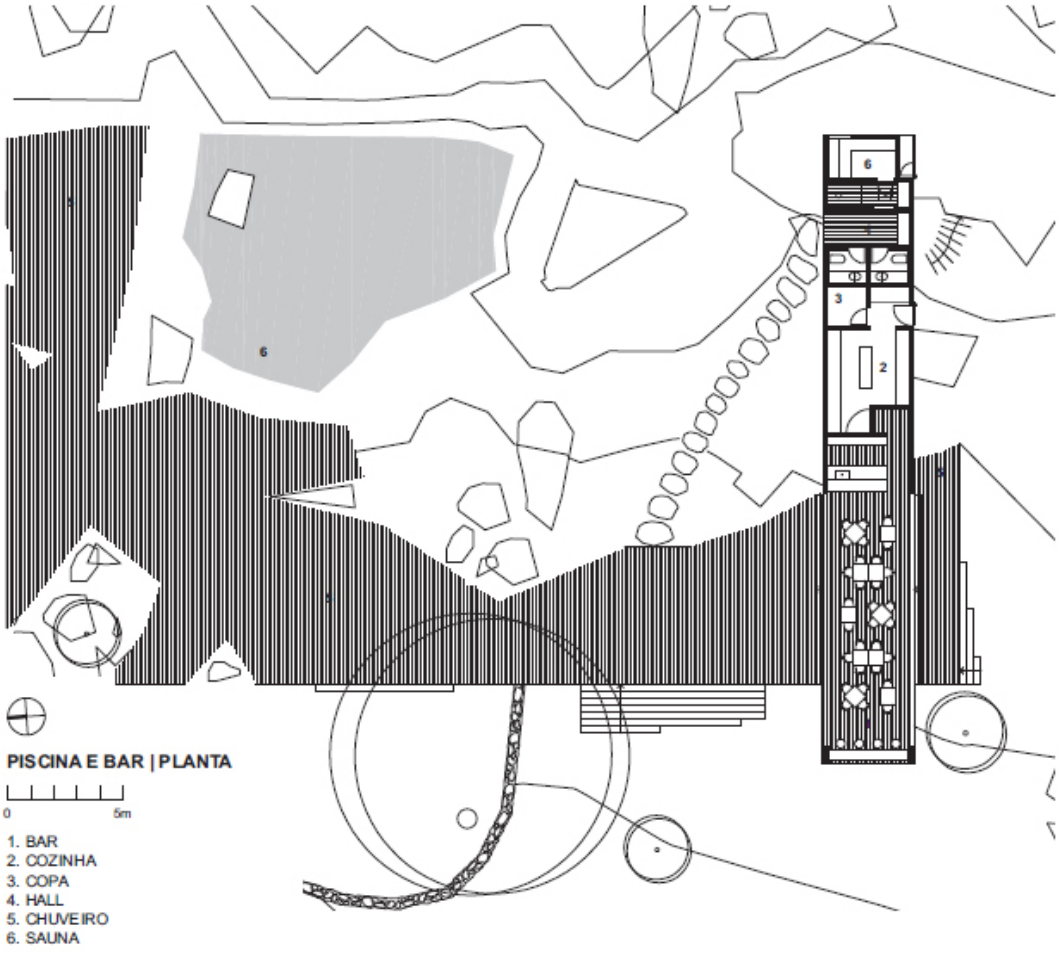


FIGURA 27 – Planta piscina e bar (Fonte: Archdaily, 2012).

O *spa* consiste de um volume térreo, retangular, em concreto aparente. Todas as salas (de tratamento,sauna seca e úmida, piscina e relaxamento e suíte privativa), foram alocadas no perímetro da construção, deixando ao centro um espaço para um pequeno jardim descoberto, em torno do qual se organiza a circulação (Figs. 28 a 31).



FIGURA 28 – Spa e Restaurante Fasano ao fundo (Fonte: Fasano Las Piedras, 2012).



FIGURA 29 – Vista interna spa (Fonte: Archdaily, 2012).



FIGURA 30 – Planta baixa spa (Fonte: Archdaily, 2012).

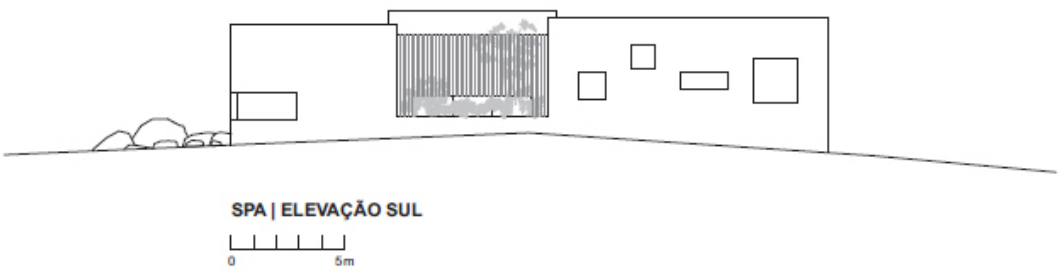


FIGURA 31 – Elevação spa (Fonte: Archdaily, 2012).

8.2) HOTEL REMOTA, PUERTO NATALES, PATAGÔNIA, CHILE

Ficha técnica:

Arquiteto: Germán del Sol

Ano Construção Projeto: 2005

Área construída: 5.213 m²

Tipo de projeto: Hotéis

Materiais: Concreto e Madeira

Fotógrafos: Jaime Borquez, José Luis Ibañez e Paulina Valdes.



FIGURA 32 – Vista externa Hotel Remota (Fonte: Germán del Sol, 2012).



FIGURA 33 – Vista externa Hotel Remota (Fonte: Germán del Sol, 2012).



FIGURA 34 – Vista externa Hotel Remota (Fonte: Germán del Sol, 2012).

Conforme o site Architecture Week (2012), o Hotel Remoto insere-se na exótica paisagem da Patagônia chilena e assim como a paisagem é a sua arquitetura, exótica. Na propriedade havia ruínas de galpões, que um dia foram de uma fazenda de ovinos.

O arquiteto chileno, Germán del Sol, relata que os antigos galpões foram reformados de cima a baixo, porém, ao analisar o programa, não fica claro o que foi mantido dos edifícios pré-existentes. Ao se observa de uma certa distância o edifício inserido na paisagem, nota-se que sua linguagem parece remeter à ruralidade destes antigos galpões (Figs. 35 e 36).



FIGURA 35 – Vista externa Hotel Remota (Fonte: Germán del Sol, 2012).

Conforme a mesma fonte, seu programa divide-se em três blocos principais, um deles (volumen “A”) compreende as áreas comuns do complexo - restaurante e estar – nos outros dois (volumen “B” e “C”) estão localizados os dormitórios. Entre os blocos, um grande vazio central, induz o usuário à contemplação da deslumbrante paisagem patagônica (Figs. 36 e 37).

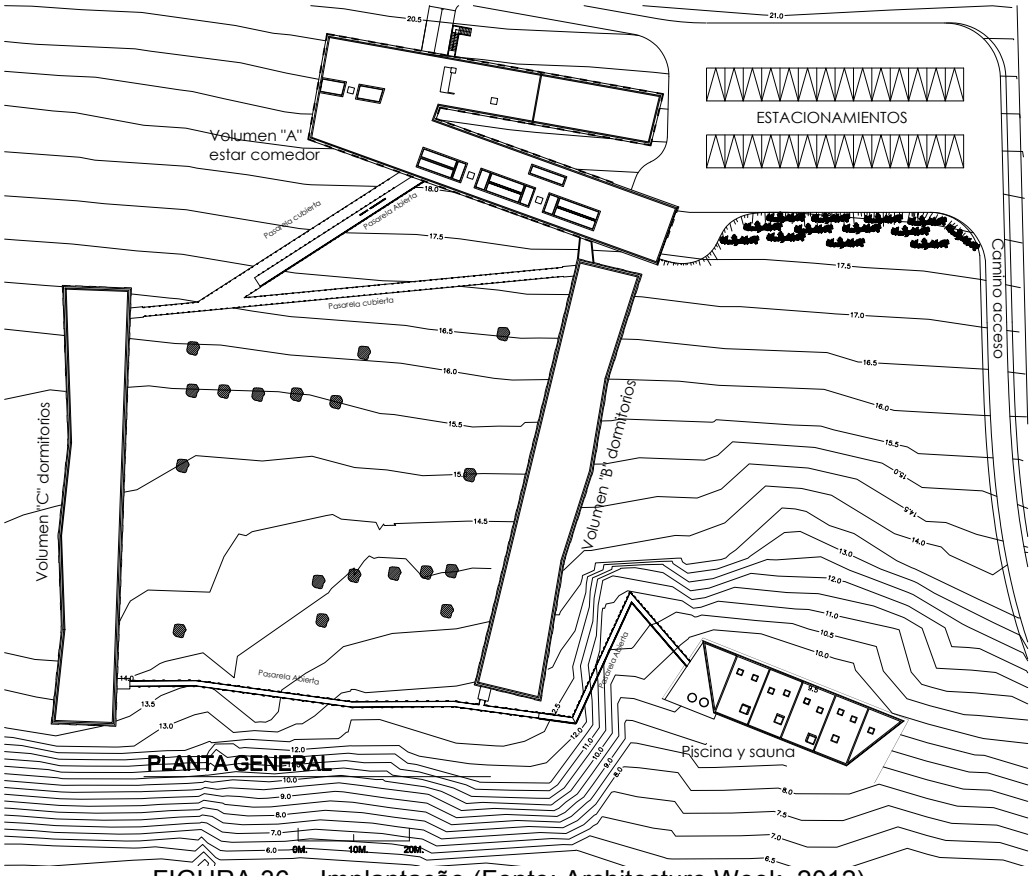


FIGURA 36 – Implantação (Fonte: Architecture Week, 2012)



FIGURA 37 – Vista vazio central (Fonte: Germán del Sol, 2012).

Os edifícios são interligados por passarelas com estrutura de madeira e oferecem um atalho protegido das intempéries através do pátio. Os pés-direitos baixos nos corredores foram determinados propositalmente pelo arquiteto com a intenção de causar uma sensação de clausura dentro do pátio que, segundo o arquiteto, faz com que os usuários possam melhor apreciar a imensidão além (Figs. 38 e 39).



FIGURA 38 – Passarela (Fonte: Germán del Sol, 2012).



FIGURA 39 – Passarela (Fonte: Germán del Sol, 2012).

O hotel possui estrutura e paredes internas de concreto, para garantir privacidade aos quartos. Painéis de madeira compensada, com 30 centímetros de espessura e um núcleo de isolante térmico, foram utilizados para revestir os edifícios. Os painéis foram revestidos com uma membrana de asfalto sintético para fornecer ao edifício proteção contra as interpéries: vento e chuva (Architecture Week, 2012).

A membrana asfáltica nos telhados e passarelas foram cobertas com uma camada de cascalho fino preto para protegê-los dos raios ultravioletas do sol.

A luz do dia, realça o apelo dos espaços interiores, adentrando os edifícios através de uma sequência de aberturas verticais. A luz em constante mudança da Patagônia confere dramaticidade aos ambientes (Figs. 40 e 41).




FIGURAS 40 e 41 – Vistas internas (Fonte: Germán del Sol, 2012).

Economia de energia foi uma consideração importante no projeto do Hotel Remoto. A orientação do sol garante absorção de energia solar passiva, e as lâmpadas elétricas de tom amarelado são de baixo consumo.

A grama natural da planície da Patagônia, com altura de aproximandamente 60 centímetros, é deixada crescer espontâneamente pelos arredores e pela cobertura do Hotel Remota. O teto verde confere uma relação respeitosa do edifício para com a paisagem (Figs. 42 e 43).



FIGURA 42 – Hotel Remota e paisagem. (Fonte: Germán del Sol, 2012).

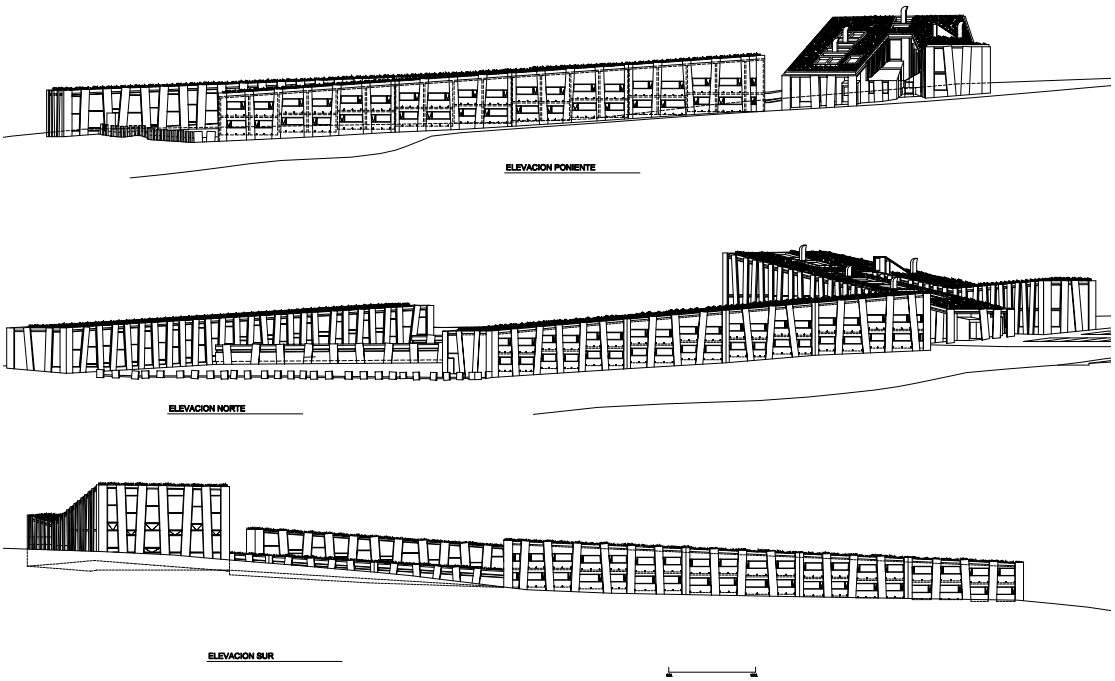


FIGURA 43 – Elevações (Fonte: Architecture Week, 2012).

"*Para mí, la arquitectura es un regalo extra. Un regalo de sugerencias que puedan llenar lo que se suele llamar el espacio vacío*." DEL SOL (2005)

Traduzindo a citação acima: para o autor do projeto, a arquitetura é um bônus. Um presente de possibilidades que podem preencher o que usualmente chamamos de espaço vazio. A partir desta afirmação, sugere-se que para o arquiteto a arquitetura não é mais importante que a paisagem, ela é um adicional, um complemento (Fig. 44).

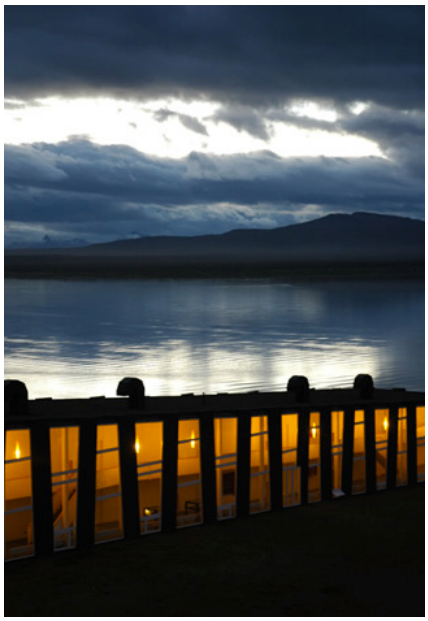


FIGURA 44 – Hotel Remota e Paisagem (Fonte: Architecture Week, 2012).

8.3) ENDÊMICO RESGUARDO SILVESTRE, (VALLE DE GUADALUPE, ENSENADA, MÉXICO)

Ficha técnica:
Arquiteto: Graciastudio – Jorge Gracia
Ano Projeto: 2011
Área construída: 400 m²
Tipo de projeto: Turismo
Status: Construído
Materiais: Aço, madeira e vidro
Fotógrafo: Luis Gracia



FIGURA 45 – Módulo Endemico Resguardo Silvestre (Fonte: Gracia Studio, 2012).

Projetado e construído pelo grupo Graciastudio, o Endêmico Resguardo Silvestre é um conjunto de vinte dormitórios/apartamentos independentes distribuídos em um terreno árido e montanhoso de 94 hectares no Valle de Guadalupe, Baja Califórnia (Figs. 46 e 47).



FIGURA 46 – Vista externa Endemico Resguardo Silvestre (Fonte: Archdaily, 2012).

Pode-se estabelecer uma semelhança com os dois estudos de caso apresentados previamente, o Hotel Fasano Las Piedras e o Hotel Remota, se levarmos em conta que uma das principais premissas do projeto foi o respeito com o terreno. Ao projetar o Endêmico Resguardo Silvestre o arquiteto buscou não intervir diretamente no terreno, encontrando como solução, elevar através de uma estrutura metálica os módulos de dormitórios do solo (Fig. 47).



FIGURA 47 – Vista externa Endemico Resguardo Silvestre (Fonte: Archdaily, 2012).

Entretanto, a principal razão pela qual este projeto foi selecionado como um dos estudos de caso foi o programa, bastante particular, de seu complexo.

O projeto compreende 20 unidades de 20 metros quadrados cada, uma vinícola, piscina e uma área residencial (Fig. 48).



FIGURA 48 – Implantação. (Fonte: Archdaily, 2012).

O programa enxuto surgiu do conceito de criar uma casa para acampar “de luxo”, de modo que satisfizesse somente as necessidades básicas dos hóspedes, fomentando ao mesmo tempo o seu contato com o meio ambiente e o desfrutar das paisagens (Figs. 49 a 58).



FIGURA 49 – Módulo Endemico Resguardo Silvestre (Fonte: Gracia Studio, 2012).



FIGURA 50 – Piscina (Fonte: Archdaily, 2012).





FIGURAS 51 e 52 – Módulos e paisagem (Fonte: Archdaily, 2012).





FIGURAS 53 e 54 – Interior módulo (Fonte: Archdaily, 2012).

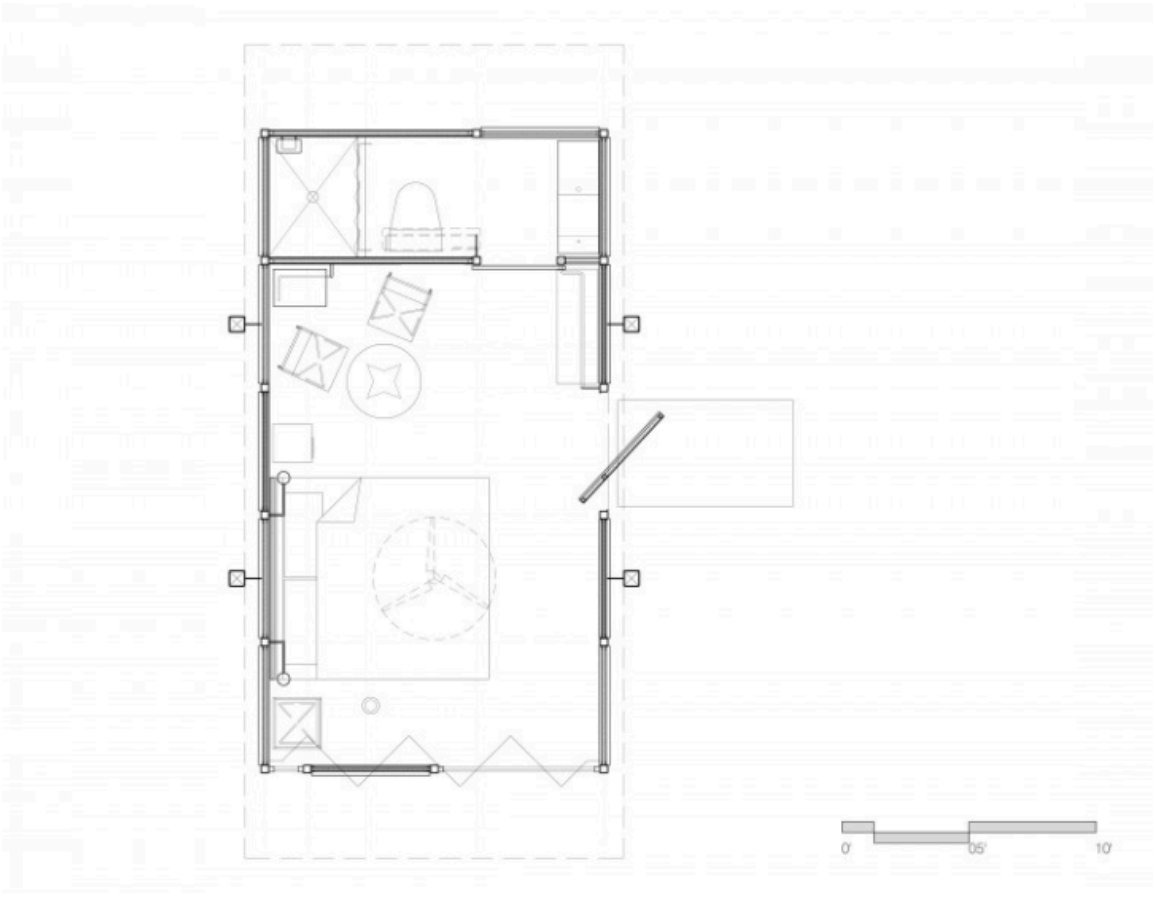


FIGURA 55 – Planta baixa módulo (Fonte: Archdaily, 2012).

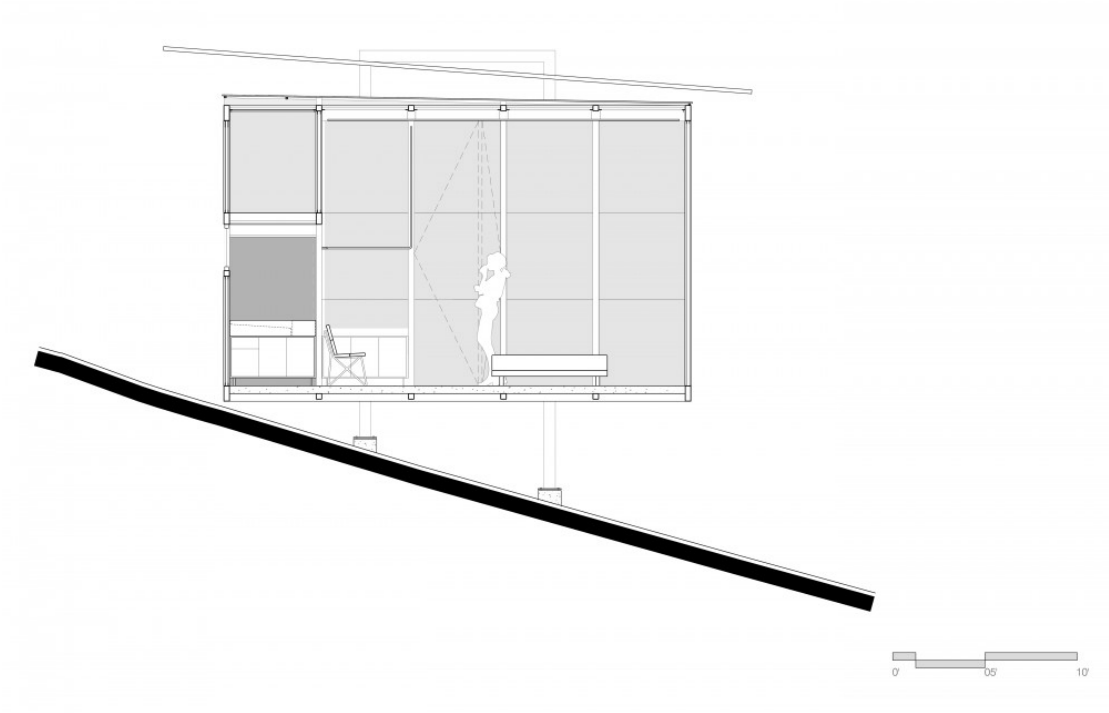


FIGURA 56 – Corte módulo (Fonte: Archdaily, 2012).



FIGURA 57 – Elevação módulo (Fonte: Archdaily, 2012).

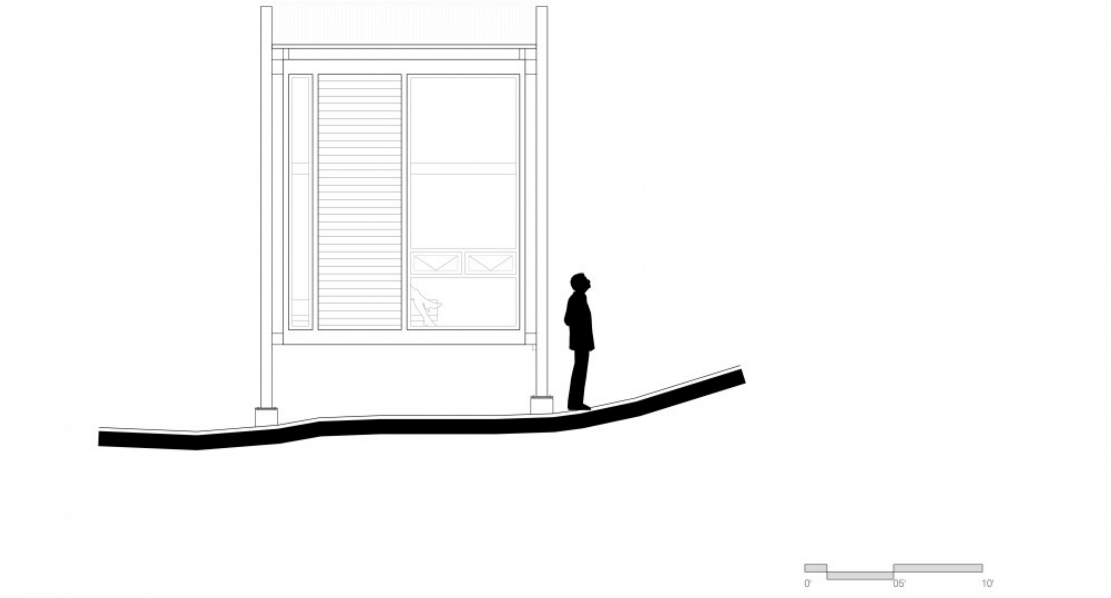


FIGURA 58 – Elevação modulo (Fonte: Archdaily, 2012).

POUSADA BORGHETTO SANT'ANNA, VALE DOS VINHEDOS – RS, BRASIL

Ficha técnica:

Arquiteto: Vanja Hertcert

Ano Projeto: 2003 - 2005

Área construída: 800 m²

Tipo de projeto: Turismo

Status: Construído

Materiais: Pedra, alvenaria e madeira

Fotógrafo: Diversos – acervo da Pousada Borghetto Sant'Anna



FIGURA 59 – Pousada Borghetto Sant'Anna. Fonte: www.borghettosantanna.com.br

O Vale dos Vinhedos localiza-se na Serra Gaúcha, no encontro dos municípios de Bento Gonçalves, Garibaldi e Monte Belo do Sul. O Vale possui um legado histórico, cultural e gastronômico deixado pelos imigrantes italianos que chegaram à região em 1875.

O Vale tornou-se conhecido pela cultura da uva e hoje abriga mais de trinta vinícolas de diferentes portes, desde as familiares até grandes grupos com participação internacional. A atividade transformou a região em um significativo polo turístico.

Dentre as ofertas turísticas do Vale dos Vinhedos estão: hotéis, pousadas, restaurantes, bistrôs, ateliês de arte, armazéns de queijos, doces e geleias coloniais e atividades como passeios guiados aos parreirais, visitas ao processo de vinificação, cursos de degustação, entre outros.

Ao contrário dos casos apresentados previamente, a Pousada Borghetto Sant'Anna não foi selecionada somente por suas soluções formais, implantação ou relação com o terreno, mas por ser um caso legítimo de turismo rural, uma vez que possui o diferencial básico de autencidade proposto no conceito da atividade (Figs. 60 a 61).





FIGURAS 60 e 61 – Paisagem de verão e paisagem de inverno.
(Fonte: Pousada Borghetto Sant'Anna, 2012).

A Pousada localiza-se em uma propriedade agrícola produtiva, há poucos minutos do centro de Bento Gonçalves. Sua arquitetura reproduz o estilo arquitetônico colonial italiano. O projeto resultou de um estudo das

edificações ainda preservadas na região. Também foram referências as tradições da cultura local (Figs. 62 a 66).




FIGURAS 62 e 63 – Vista externa da casa e vista interna
(Fonte: Pousada Borghetto Sant'Anna, 2012).





FIGURAS 64, 65 e 66 – Unidade residencial. (Fonte: Pousada Borghetto Sant'Anna, 2012).

O complexo oferece duas tipologias de hospedagem: são três casas e quatro suítes. As casas têm 70 m², divididos entre hall, sala de estar, sala de jantar, cozinha, suíte e terraço. Já as suítes avulsas possuem entre 35 e 40 m² (Figs. 67 a 72).




FIGURAS 67, 68 e 69 – Unidade residencial (Fonte: Pousada Borghetto Sant'Anna, 2012).




FIGURAS 70, 71 e 72 – Unidade residencial (Fonte: Pousada Borghetto Sant'Anna, 2012).

Devido ao número reduzido de instalações, os proprietários conseguem dar ao hóspedes um atendimento diferenciado, o que agrega valor ao turismo rural, pois se constitui em uma relação humana mais autêntica do que a da hotelaria comercial. Tanto as casas quanto as suítes, são contempladas por aberturas com vistas privilegiadas da propriedade.




FIGURAS 73 e 74 – Interior suites (Fonte: Pousada Borghetto Sant'Anna, 2012).

A Pousada, que já foi citada em reportagens nas Revistas Viagem e Turismo Edição 7, em julho de 2005, (p. 102-111); Guia Quatro Rodas Brasil Edição de 2006; Arquitetura e Construção na Edição de abril de 2006 (p. 52-57); e no Jornal O Estado de São Paulo em 03 de fevereiro de 2006; é definitivamente um exemplo de empreendimento de turismo rural bem sucedido no país.

9) O TERRENO

O terreno escolhido para o desenvolvimento da segunda etapa do Trabalho Final de Graduação está inserido na Fazenda São José, localizada na cidade de Campo Mourão no Estado do Paraná (Fig. 75).



FIGURAS 75 - Localização Campo Mourão no Estado do Paraná. Fonte: www.wikipedia.org

O Município de Campo Mourão, localizado no Centro-Oeste do Estado, está a 477km de distância de Curitiba, capital do Estado. Sua população é de 87,287 habitantes, segundo Censo IBGE 2010, e sua área é de 757,109 km². É predominatemente agrícola, sede da maior agrocooperativa do Brasil e terceira do mundo, a COAMO, além de sede de outras cooperativas agrícolas de pequeno e grande porte. A cidade tem como cultura a produção em grande escala de grãos; seus principais produtos agrícolas são a soja e o milho. Um dos motivos pelos quais a cidade tornou-se uma potência na agricultura foi seu solo, predominantemente latossolo roxo, de textura argilosa, profundo, muito fértil.

Seu clima é classificado como subtropical úmido mesotérmico, seus verões são quentes e úmidos e os invernos são brandos. O Município localiza-se em um dos principais entroncamentos rodoviários do país, por isso, recebe um grande fluxo de veículos, principalmente aqueles que tem como destino Foz do Iguaçu, principal ponto turístico do Estado e cidade fronteiriça com a Argentina e o Paraguai (Figs. 76 e 77).



FIGURAS 76 – Foto aérea de Campo Mourão (Fonte: Google Earth, 2012).

De acordo com Campanhola e Silva (1999) o potencial turístico não necessariamente exige que a região tenha atrativos naturais extraordinários. No entanto, requer aspectos culturais bem desenvolvidos, o que implica oferecer ao visitante uma arquitetura apreciável, uma gastronomia característica; e que a população conserve seus hábitos e costumes, tornando a região rica e atraente como um todo.



FIGURAS 77 – Foto aérea de Campo Mourão (Fonte: www.campomourao.pr.gov.br, 2012)

"Campo bordejado de araucárias, tais como taças erguidas ao céu, brindando o Criador pela exuberância de suas águas, fauna, flora e terra riquíssima. Falamos dos Campos do Mourão." (PREFEITURA DE CAMPO MOURÃO, 2012).

Segundo o *site* da Prefeitura de Campo Mourão (2012), antes de ser visitada pelos espanhóis no século XVI e pelos portugueses no século XVII, a região era sede da nação Guarani e pertenceu à Província del Guaíra. No final do século XIX, o pasto natural e o cerrado nativo dos "Campos do Mourão" serviram de ponto de descanso dos tropeiros que seguiam rumo Mato Grosso do Sul para negociar suas boiadas. Foram, então, alguns anos depois que as primeiras famílias pioneiras começaram a se fixar no território de Campo Mourão.

Dentre os atrativos de Campo Mourão pode-se citar: a Catedral São José, inaugurada em 1968, localizada no coração da cidade e perceptível aos olhos de todos que a visitam (Fig. 78).

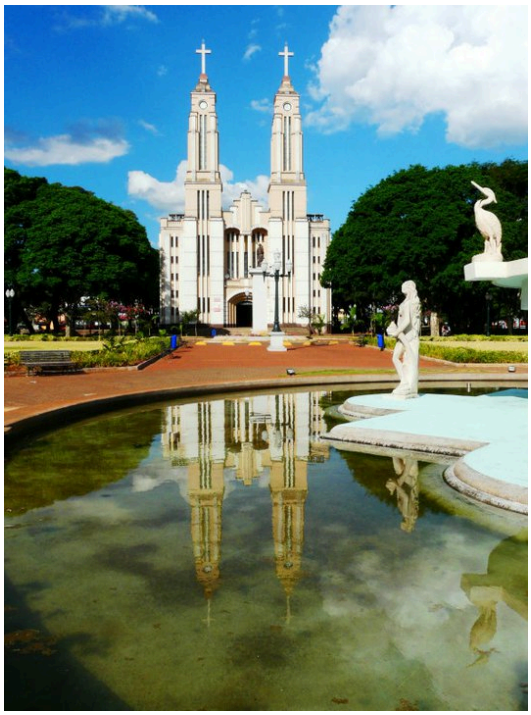


FIGURA 78 – Catedral de Campo Mourão. (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2012).

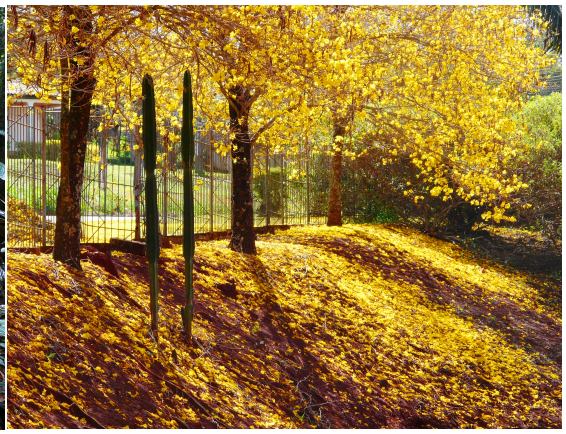
Outro cartão de visita do Município é o Parque Municipal Joaquim Teodoro de Oliveira, mais conhecido como Parque do Lago, foi inaugurado em 1971 e possui uma área de aproximadamente 23 hectares. O parque proporciona oportunidades de atividades de lazer, recreação, esportivas e contemplativas com o propósito de educação e preservação do meio ambiente (Figs. 79 a 85).



FIGURA 79 – Parque do Lago. (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2012).




FIGURAS 80 e 81 – Parque do Lago. (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2012).

FIGURAS 82 e 83 – Parque do Lago. (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2012).




FIGURAS 84 e 85 – Parque do Lago. (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2012).

O Parque Estadual do Lago Azul, outro atrativo, possui grande biodiversidade, uma área florestal com casas de veraneio e um lago com 70 milhões m³ aberto à prática de esportes náuticos. Mais um atrativo, já voltado para o turismo científico, é a Estação Ecológica do Cerrado, uma área de

preservação ecológica de 1,3 hectares de vegetação remanescente, é um resquício do cerrado mais meridional do planeta (Fig. 86).



FIGURA 86 – Parque Estadual do Lago Azul. (Fotógrafa: Fernanda Dolci Figueiredo, 2012).

No entanto, o atrativo que acaba tendo mais credibilidade pelo fluxo turístico de Campo Mourão, é, na realidade, seu prato típico. O Carneiro no Buraco, criado por alguns pioneiros da cidade na década de 1960, só foi oficializado como prato típico do Município em 1990 e já em 1991 ocorreu a 1ª Festa Nacional do Carneiro no Buraco (Figs. 87 a 89).



FIGURAS 87, 88 e 89 – Preparo Carneiro no Buraco. (Fonte: www.crn1.com.br, 2012)

O evento, que atrai cerca de 150.000 pessoas anualmente, acabou transformando o prato no verdadeiro símbolo de Campo Mourão e divulgando-o por todo o Brasil e também em outros países (TURISMO REGIONAL, 2012).

A FAZENDA SÃO JOSÉ

A Fazenda São José é uma propriedade agrícola ativa, que possui a área de 1.146,56 ha e está localizada à direção nordeste do Municípo de Campo Mourão. Atualmente, a propriedade tem como principais atividades o plantio de soja e milho, a criação do gado leiteiro e do gado de corte. Como atividades complementares há o cultivo de nogueiras-pecã e criação de ovinos (Fig. 90).



FIGURA 90 – Foto aérea Campo Mourão e localização da Fazenda São José (Fonte: Google Earth, 2012).

A propriedade é cortada pelos afluentes do Rio do Campo, pertencente à Bacia Hidrográfica do Rio Paraná. A fazenda possui uma represa de 6,83 ha, a qual é utilizada com frequência por seus proprietários e amigos com finalidades de lazer.

Atualmente, a propriedade não possui os 20% de área de preservação exigidos por lei, faltando, no ano de 2006, 9,29 hectares para atingir essa área mínima (Fig. 91).

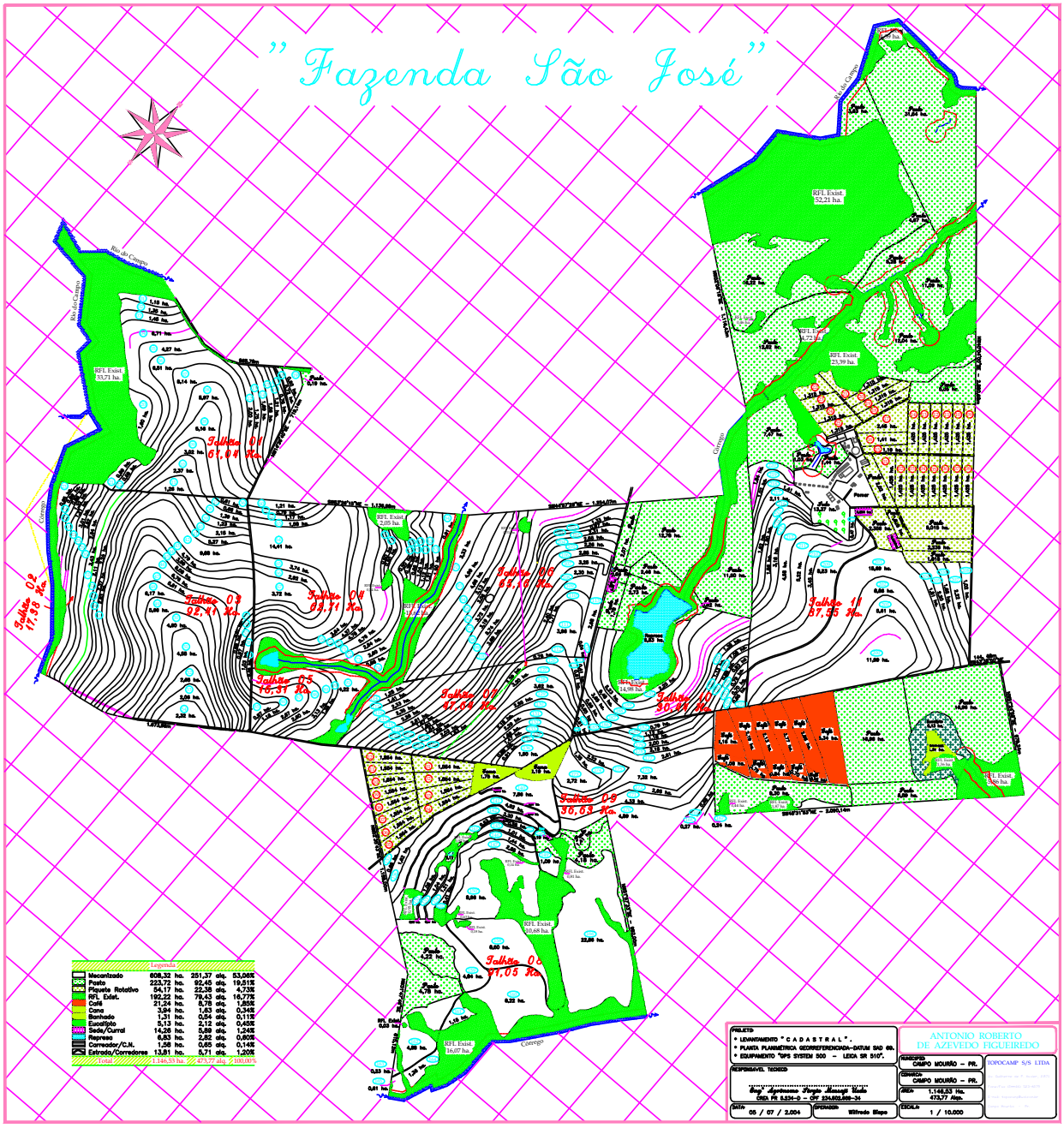


FIGURA 91 - Planta planimétrica georreferenciada da Fazenda São José (Fonte: Fazenda São José, 2006).

O recorte será uma área de 85,46 hectares que envolvem a represa da propriedade. A idéia é explorar o recurso hídrico como potencial atrativo turístico (Figs. 92 a 112).

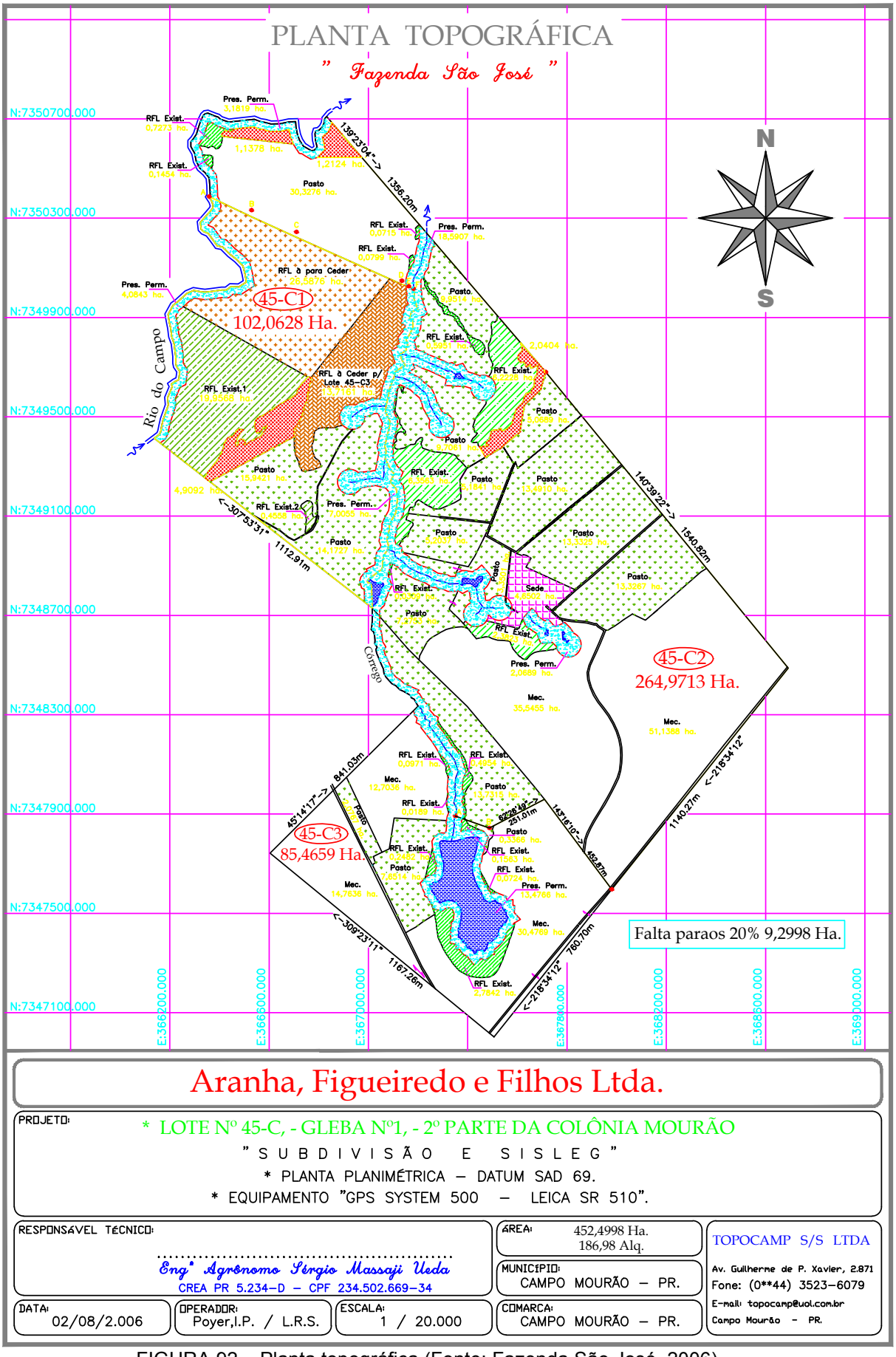


FIGURA 92 – Planta topográfica (Fonte: Fazenda São José, 2006).

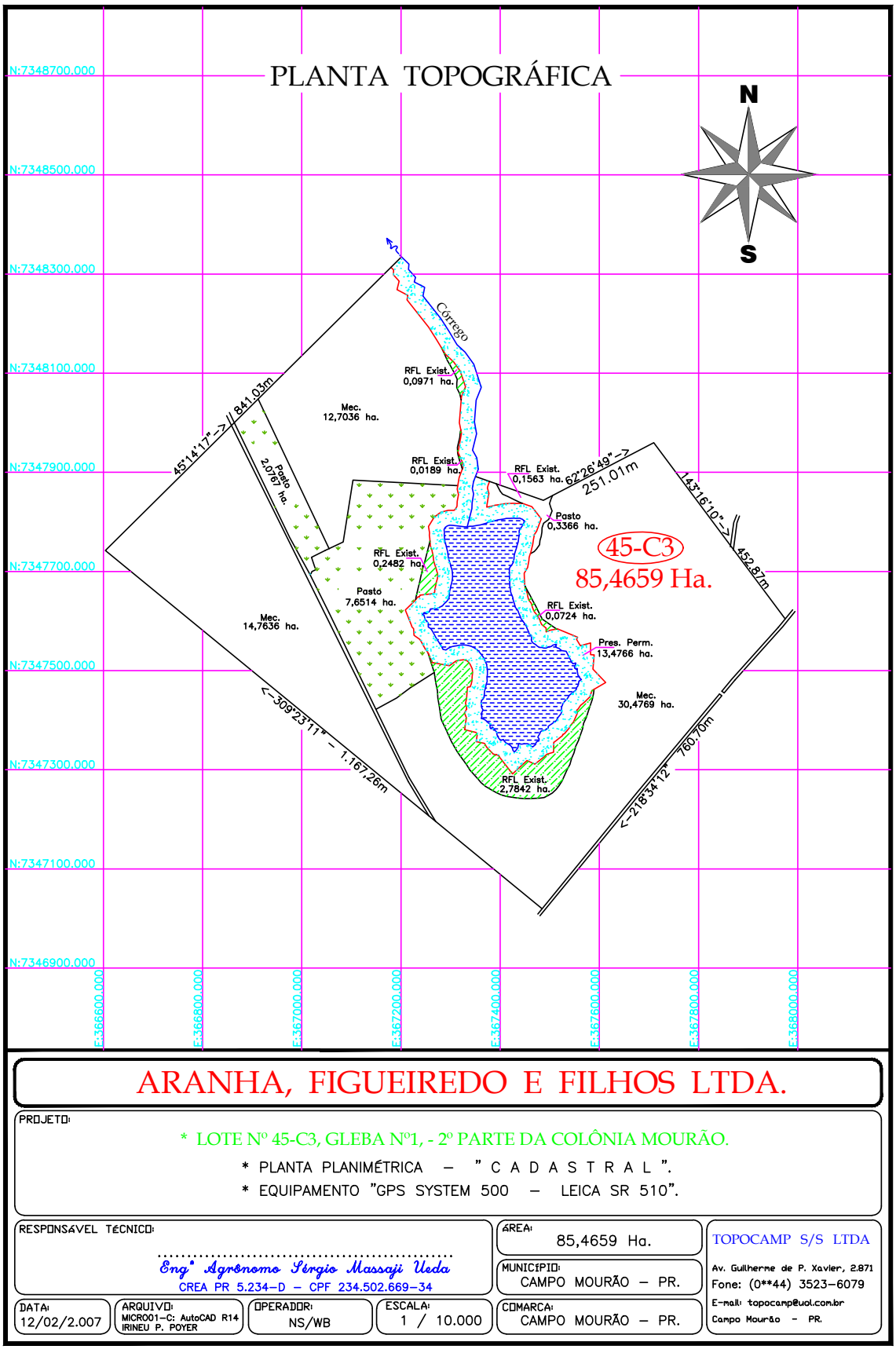
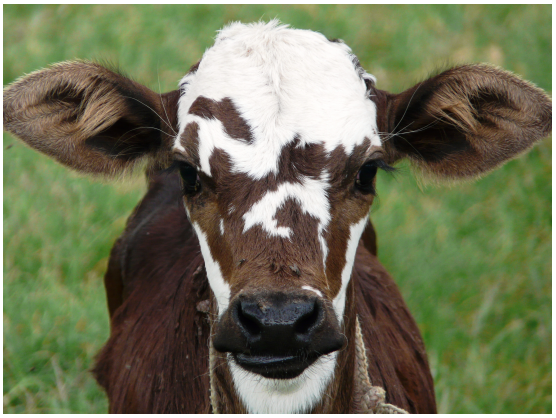


FIGURA 93 – Planta topográfica recorte (Fonte: Fazenda São José , 2006).

FIGURAS 94 e 95 – Flamboyant e bezerro (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2010).




FIGURAS 96 e 97 – Gado de corte Fazenda São José.
(Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2010).




FIGURAS 98 e 99 – Represa e criação de ovinos. (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2010)



FIGURA 100 – Grupo de franceses visitando a propriedade em 2009.
(Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2009).



FIGURA 101 – Arco íris e represa. (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2009).



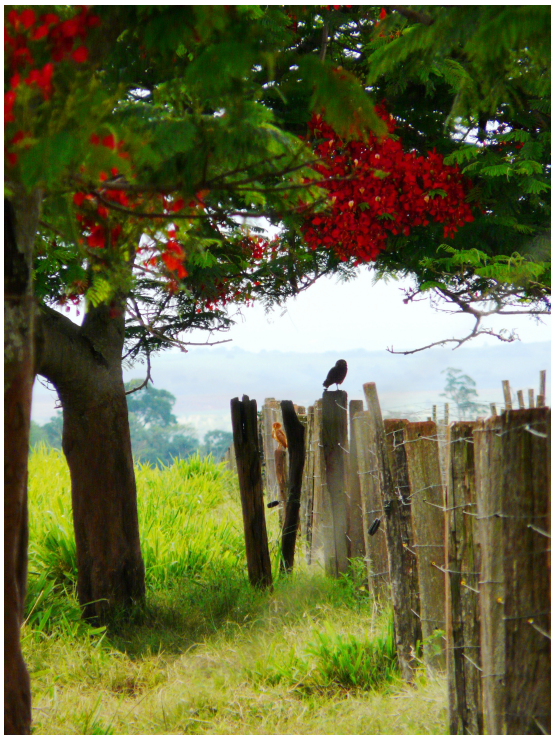




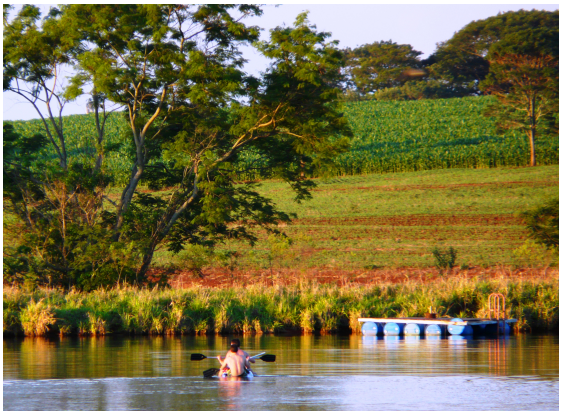




FIGURAS 102 à 106 – Fauna local (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2010).




FIGURAS 107 e 108 – Corujas na cerca (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2010).

FIGURAS 109 e 110 – Lazer na represa (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2010).




FIGURAS 111 e 112 – Passeios a cavalo e bicicleta (Fotógrafa: Rosana Aranha Figueiredo, 2010).

PLANEJAMENTO DO TURISMO NO MEIO RURAL

Segundo Almeida e Riedl (2000) sobre a atividade do turismo no meio rural, faz-se necessário adotar medidas de gestão e planejamento que valorizem os recursos e potencialidades, e que contemplem a finalidade de promover o desenvolvimento da atividade satisfazendo a especificidade dos clientes, com originalidade na oferta apresentada, consolidando a atividade, do ponto de vista empreendedor, e não descaracterizando os aspectos culturais, sociais e ambientais.

Segundo Campanhola e Silva (1999) o planejamento do turismo no meio rural deve se iniciar por um zoneamento econômico e ecológico do espaço rural. Este zoneamento dá-se através da caracterização dos recursos climáticos e ambientais (solo, água e vegetação), espacialização dessas informações com objetivos de facilitar o planejamento da ocupação organizada de um local e de priorizar as atividades econômicas que prezem pelo maior retorno social e pela conservação e/ou recuparação do meio ambiente. O segundo passo seria a descrição dos principais produtos turísticos e análise de sua demanda atual e potencial; e do ordenamento territorial das atividades produtivas. Em seguida, deve ser delineado um plano de desenvolvimento integrado e estabelecido um plano de gestão dos impactos ambientais e socioeconômicos do turismo no meio rural.

Campanhola e Silva (1999, p.25) ainda apontam que, por uma questão de escala, muitas vezes um só agricultor não tem condições de oferecer produto agroturístico que atenda a toda demanda. E indicam que uma alternativa viável seria esses agricultores organizarem-se por meio de associações ou cooperativas para diversificar os produtos turísticos e aumentarem a capacidade de hospedagem.

> A organização de produtores tornaria mais eficiente as negociações com os segmentos privados e instituições públicas do turismo, uma vez que suas reivindicações adiquiririam mais força e se tornariam mais legítimas (CAMPANHOLA e SILVA, 1999, p 25).

11) DIRETRIZES DE PROJETO

Segundo Almeida e Riedl (2000) algumas generalizações envolvendo o turismo no espaço rural começam a ser formuladas, com base em estudos e pesquisas conduzidas no Brasil e em outros países, onde a atividade encontra-se em fase de consolidação.

Estas generalizações, algumas confirmadas empiricamente, outras, formuladas como hipóteses de trabalho a serem testadas, ajudarão a estabelecer as diretrizes que nortearão o projeto.

- Caráter: o turismo no espaço rural precisa resguardar sua especificidade, isto é, ele não pode imitar o turismo oferecido nos centros urbanos;
- Preservação/recuperação da paisagem: além da incontestável importância ecológica na preservação e recuperação dos ecossistemas; a paisagem constitui em um expressivo atrativo turítico, principalmente pelo fato de que o público do turismo rural, em sua maioria, provém dos grandes centros urbanos e busca no campo uma interação mais intensa e direta com a natureza.;
- Autenticidade: a originalidade e a simplicidade da vida rural constituem um diferencial. Quanto menor a artificialização da propriedade rural que se abre ao turismo, melhor;
- Trazer benefícios para a sociedade: as iniciativas de turismo rural com maior probabilidade de sucesso são aquelas que envolvem a comunidade em todas as fases do empreendimento, desde seu planejamento até a sua implantação e posterior exploração. Além de gerar renda, a atividade é capaz de resgatar a cultura e auto-estima da comunidade local.
- Conhecimento da identidade cultural: os responsáveis pela condução do empreendimento turístico precisam ser conhecedores da história, da cultura, das tradições, da culinária e das atrações naturais da região em que estão inseridos. O turista normalmente é extremamente curioso e questionador

- Pluriatividade: a exploração do turismo rural deve ter o caráter de complementaridade, ou seja, a atividade agrícola não deve ser abandonada. O turista aprecia participar ativa ou passivamente do trabalho na agricultura. Agrega-se valor ao empreendimento quando os produtos consumidos provém da propriedade
- Bens imateriais do patrimônio cultural: a vida rural ainda preserva algumas características típicas de uma subcultura, interpenetrada pela cultura urbana dominante. O turista muitas vezes procura o meio rural para resgatar traços dessa subcultura, os quais, portanto, precisam ser resguardados e valorizados.

12) PROGRAMA DE NECESSIDADES

De acordo com Campanhola e Silva (1999), entre os exemplos de atividades que podem ser geradoras de renda para as propriedades rurais estão: processamento de alimentos caseiros (pães, bolos, queijos, embutidos, conservas, sucos, geleias, doces e mel); os restaurantes de comidas típicas; pousada; o artesanato; os passeios à cavalo; trilhas para caminhadas ecológicas; espaço para contemplação de paisagens; visita à atividades de produção agropecuária (ordenha, plantio, colheita, viveiros de muda e horta); promoção coletiva de festas populares e festivais; destilaria, entre outros;

Quanto ao programa do empreendimento, alguns dos pontos mais relevantes são:

- Infraestrutura: planejamento de espaços abertos e fechados que organizem as atividades interligadas com a agricultura, lazer e contemplação da paisagem;
- Paisagem: baseado no conceito de que a o pontencial turístico se faz de um conjunto de atrativos, além das atividades que devem ser oferecidas, é importante pensar na qualidade da paisagem. Portanto, um dos itens estabelecido no programa será o desenvolvimento de um projeto paisagístico e de reflorestamento para o terreno.
- Hospedagem: desenvolvimento de instalações de hospedagem. De uma ou mais tipologias (módulos isolados, unidades residenciais e pousada);
- Áreas comuns: restaurante típico, salão de jogos, espaço para eventos de pequeno porte (festas típicas ou festivais que possam vir a acontecer).

13) CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos observar, os fundamentos que consolidam a atividade do turismo rural devem sempre ser levados em conta e tratados com devida importância, pois um empreendimento de sucesso que traz benefícios à população rural, à economia, ao meio ambiente e à conservação do patrimônio histórico e cultural, funcionará automaticamente como ferramenta de desenvolvimento sustentável, gerando renda e qualidade de vida para sua comunidade.

Em relação ao empreendimento turístico, ele pode oferecer um grande leque de possibilidades quanto ao seu programa. O planejamento da atividade turística deve procurar explorar as potencialidades da propriedade, através de uma minuciosa análise do terreno, dos aspectos ecológicos, culturais e sociais do local onde será explorada a atividade turística. É importante também ressaltar os benefícios gerados pela diversidade de atrativos turísticos. É o conjunto destes pequenos atrativos que podem transformar uma região num grande pólo turístico.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Joaquim Anécio; RIEDL, Mário. **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento** / organizadores Joaquim Anécio Almeida, Mário Riedl. - Bauru, SP : EDUSC, 2000. 264p.

ANDRADE, Nelson. **Hotel: Planejamento e projeto**/ Nelson Andrade, Paulo Lucio de Brito, Wilson Edson Jorge. – São Paulo : Editora Senac São Paulo, 1999.

BINATTI, L. Legislação para o turismo rural: uma reflexão para a construção de novos caminhos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 01, 1999. Piracicaba, SP. **Turismo no espaço rural brasileiro**. Anais... FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS LUIZ DE QUEIROZ – FEALQ/USP. [Ed] Cássio Garkalns de Souza Oliveira. Piracicaba, SP: 1999. 239p.

BRAVO, R. Conciliação entre atividade turística e produção. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 02, 2000. Piracicaba, SP. **Turismo novo caminho no espaço rural brasileiro**. Anais... FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS LUIZ DE QUEIROZ – FEALQ/USP. [Eds.] Cássio Garkalns de Souza Oliveira, José Carlos de Moura e Marco Sgai. Piracicaba, SP: 2000. 276p.

CAMPANHOLA, C. e SILVA, J. G. Panorama do turismo no espaço rural brasileiro: nova oportunidade para o pequeno agricultor. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 01, 1999. Piracicaba, SP. **Turismo no espaço rural brasileiro**. Anais... FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS LUIZ DE QUEIROZ – FEALQ/USP. [Ed] Cássio Garkalns de Souza Oliveira. Piracicaba, SP: 1999. 239p.

COELHO, Olinio G.P. **Do Patrimônio Cultural**. Rio de Janeiro: ed. Autor, 1992.

CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 03, 2001. Piracicaba, SP. **Turismo no espaço rural brasileiro**. Anais... FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS LUIZ DE QUEIROZ – FEALQ/USP. [Eds.] Cássio Garkalns de Souza Oliveira, José Carlos de Moura e Marco Sgai. Piracicaba, SP: 2001. 315p.

CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 04, 2003. Piracicaba, SP. **Turismo Como Vetor do Desenvolvimento Rural Sustentável**. Anais... FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS LUIZ DE QUEIROZ – FEALQ/USP. [Eds.] Cássio Garkalns de Souza Oliveira e José Carlos de Moura. Piracicaba, SP:, 2003. 557p.

FORTE, A. M. O turismo rural e a articulação institucional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TURISMO RURAL, 01, 1999. Piracicaba, SP. **Turismo no espaço rural brasileiro**. Anais... FUNDAÇÃO DE ESTUDOS AGRÁRIOS LUIZ DE QUEIROZ – FEALQ/USP. [Ed] Cássio Garkalns de Souza Oliveira. Piracicaba, SP: 1999. 239p.

LEMOS, Carlos A. C., **O que é Patrimônio Histórico**. São Paulo : Brasiliense, 2006.

SCHNEIDER, S. e FIALHO, M. A. V. Atividades não agrícolas e turismo rural no Rio Grande do Sul. In: **Turismo rural: ecologia, lazer e desenvolvimento** / organizadores Joaquim Anécio Almeida, Mário Riedl. - Bauru, SP : EDUSC, 2000. 264p.

REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS:

ARCHIDAILY. Disponível em: <www.archdaily.com.br>. Acesso no ano de 2012.

ARCHITECTURE WEEK. Disponível em: <www.architectureweek.com>. Acesso no ano de 2012.

ARQUITETO GERMÁN DEL SOL. Disponível em: <www.germandelsol.cl>. Acesso no ano de 2012.

CENTRE HILL COTTAGE. Disponível em: <www.centrehillcottage.com>. Acesso no ano de 2012.

DESVENDAR. Disponível em: <www.desvendar.com/turismo/rural/historia.asp>. Acesso no ano de 2012.

FAZENDAS DO IMPÉRIO. Disponível em: <www.fazendasdoimperio.com.br>. Acesso no ano de 2012.

GRACIA STUDIO. Disponível em: < www.graciastudio.com >. Acesso no ano de 2012.

INSTITUTO ESTADUAL DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO DE MINAS GERAIS. Disponível em: <www.iepha.mg.gov.br/sobre-cultura-e-patrimonio-cultural>. Acesso no ano de 2012.

LOCATION GITE BRETAGNE. Disponível em: <www.locationgitebretagne.com>. Acesso no ano de 2012.

POUSADA BORGHETTO SANT'ANNA. Disponível em: <www.borghettosantanna.com.br>. Acesso no ano de 2012.

PREFEITURA DE CAMPO MOURÃO. Disponível em: <www.campomourao.pr.gov.br>. Acesso no ano de 2012.

ROTEIROS ECO-HOSPEDAGEM. Disponível em: <www.ecohospedagem.com/roteiros/turismo-rural/>. Acesso no ano de 2012.

VÍDEOS ECO-HOSPEDAGEM.

Excelência em Turismo - Turismo Rural – Parte 1/2

Excelência em Turismo - Turismo Rural – Parte 2/2

Disponível em: <www.youtube.com/user/EcoHospedagem>. Acesso no ano de 2012.

PRESERVALE. Disponível em: <www.preservale.com.br/>. Acesso no ano de 2012.

VALE DO CAFÉ. Disponível em: <www.valedocafe.com/>. Acesso no ano de 2012.

VALE DOS VINHEDOS. Disponível em: < www.valedosvinhedos.com.br Acesso no ano de 2012.